



Crônica da Cidade

CONCEIÇÃO FREITAS // conceicaofreitas.df@diariosassociados.com.br (cartas: SIG, Quadra 2, Lote 340 / CEP 70.610-901)

ESTRANHAMENTE BRASILIENSE

Das muitas ideias equivocadas que o Brasil tem de Brasília, uma das mais insistentes é a de que a população seria composta majoritariamente por gente de todos os estados. Desde o Censo de 2000 que já se sabe que os brasilienses nativos correspondem a 57,6% do número de habitantes da cidade, percentual que já deve ter aumentado de oito anos para cá.

Os brasilienses nascidos no quadrado somam 1.181.570 almas, a maioria absoluta delas com menos de 48

anos. Um milhão de seres têm a experiência inédita de ter nascido na cidade mais brasileira multicultural do país. Ao contrário do que aconteceu em São Paulo, por exemplo, a migração aqui foi quase tão-somente de brasileiros. Um pouco de cada quinhão do país. Nordestinos, goianos, cariocas e mineiros na grande maioria.

Nos meus muitos anos de reportagem pelas cidades do DF, ainda me surpreendo quando ouço alguém dizer que nasceu aqui. Olho para o entrevistado com aquela cara de quem está vendo alguém mais diferente que os outros. Sintonizo ouvidos e olhos para tentar descobrir, afinal, o que é um brasiliense. Só me dou mal, porque até

agora não encontrei a especificidade de quem nasceu aqui.

O sotaque, por exemplo. Já aconteceu de eu identificar alguma coisa gaúcha; em outras, o chiado carioca; em outras a cantoria nordestina ou a caipirice goiana (antes que caia no meu colo uma avalanche de e-mails indignados, caipirice goiana para mim tem o sentido das coisas bem próximas da terra, de uma sensação calorosa de fogão a lenha).

Faço algumas perguntas àquele ser incomum e logo descubro que o chiado carioca, por exemplo, é porque o pai veio do Rio. O brasiliense ainda é o filho de alguém de outro lugar. Só por volta dos anos 2350 teremos o brasiliense quatrocentão — e, tomara, não tenha nadica da

arrogância daqueles outros quatrocentões. Como diria o querido Paulo Bertran, o caldeirão cultural de Brasília ainda está no fogo, aquecendo um novo jeito de ser brasileiro, o jeito brasiliense.

Invejo e me solidarizo com o brasiliense nativo. Invejo porque ele tem uma herança extraordinária. É filho de uma das mais atrevidas e espantosas iniciativas do povo brasileiro, porque se não fosse a leva de brasileiros que veio para cá construir Brasília, desde as primeiras convocações, talvez Juscelino tivesse mudado de ideia (que não me ouçam os juscelinistas apaixonados).

Me solidarizo porque não deve ser fácil ser brasiliense nativo. Por todos os preconceitos e ranços que o restante do país

tem para com a cidade. Não é fácil ser diferente, e só os diferentes sabem disso. E o brasiliense é mais diferente do que os demais. Tem de se explicar, o tempo todo.

Quer saber? Da próxima vez que alguém vier falar mal de Brasília, mostre o caminho do aeroporto. Se for de fora, lembre a ele os corruptos que a cidade dele mandou pra cá. Ou aponte os defeitos da terra dele — as grandes metrópoles estão, em geral, fracassadas. E diga que você é filho de uma grande utopia de um mundo melhor. Essa é uma preciosa herança.

■ A CRONISTA ESTÁ EM FÉRIAS. ESTE TEXTO FOI PUBLICADO ORIGINALMENTE EM 22 DE MARÇO DO ANO PASSADO.